

Anseio de Transformação – Uma aproximação entre Christopher Bollas e Virgínia Woolf

Mirian Malzyner¹, São Paulo

Resumo: O artigo traz alguns conceitos teóricos do pensamento de Christopher Bollas, fazendo articulações pessoais da autora de como esses conceitos trazem aberturas importantes para aprofundamento e expansão do olhar clínico. Finaliza com uma aproximação entre esses conceitos e um conto de Virgínia Woolf, chamado *Objetos Sólidos*, destacando o “anseio primordial de transformação.”

PALAVRAS-CHAVE: Bollas; Psicanálise e Literatura; Objeto Transformacional; Anseio de Transformação; Idioma.

Introdução

Pretendo nesse texto trazer algumas articulações teórico-clínicas advindas da obra do psicanalista Christopher Bollas, para em seguida, trazer uma ilustração metafórica a partir de um conto de Virginia Woolf. Essa aproximação surgiu naturalmente, uma vez que a Psicanálise e a Literatura sempre estiveram em diálogo fértil. Antes de buscar a formação como psicanalista, Bollas graduou-se em História e fez doutorado em Literatura Inglesa. Sua escrita é literária e sua abordagem psicanalítica privilegia o campo estético da experiência humana.

¹ Membro efetivo e Analista didata da SBPSP Rua Purpurina, 155/67, Vila Madalena. 0543-030, São Paulo Capital, mimalzyner@gmail.com, celular (11)99103-2022

Mirian Malzyner

Não penso em meramente repetir formulações prontas do autor, mas buscar dentro de mim como essas formulações se acomodam, criam raízes e se articulam dinamicamente com tudo que sou, as teorias que já estudei, os analistas e supervisores que tive, minha experiência como mulher, mãe, avó, analista, enfim, como pessoa total.

Trata-se de um esforço para me expressar em palavras e frases minimamente organizadas e que façam sentido. Esse esforço pessoal tem a marca de uma Estética, de uma maneira própria de se apropriar dos objetos do mundo para poder usá-los de maneira única.

Ao colocar essas primeiras ideias já estou imersa no pensamento de Bollas. Percebo o quanto alguns conceitos desse autor realmente fazem parte da minha caixa de ferramentas, do meu repertório como analista, construído ao longo de anos. Bollas fala da beleza que é o analista trabalhando, quando ele coloca em palavras seus pensamentos, a partir de seu interior, no momento da sessão, de uma forma nova, inédita. Algo que nunca foi formulado antes. Supondo que não se trata de um analista repetidor de clichês e interpretações prontas, o que Winnicott e Bollas chamariam de um falso self.

Na minha caixa de ferramentas entram alguns conceitos teóricos básicos e principais, como Inconsciente, transferência, processos primários e secundários, projeção e identificação projetiva, posições esquizoparanoide e depressiva e a oscilação entre elas, mudança catastrófica, função alfa, reverie, *holding*, espaço potencial e objetos transicionais, a área de ilusão, estados primitivos indiferenciados de mente. São conceitos dos principais autores da Psicanálise Inglesa; Freud, Klein, Bion, Winnicott, Milner. Ainda entram nessa caixa todo repertório da vida de relação com os objetos culturais, todo campo da arte, principalmente artes visuais, música, literatura e dramaturgia.

O primeiro conceito de Bollas que quero destacar é o conceito de “Idioma” (Bollas, 1992). Essa marca singular e tão única quanto as impressões digitais, que se revela na forma como cada pessoa se organiza esteticamente no mundo. Para Bollas há um prazer do self em se expressar. Para ele, por exemplo, o grande e principal desejo que um sonho realiza, é o desejo de se expressar. Há uma dimensão erótica, de prazer, na busca de representação.

O self verdadeiro expressa-se através do Idioma. Conhecer uma pessoa é como entrar num país estrangeiro, uma nova cultura com língua própria, objetos culturais próprios. Psicanálise é parte de um processo de traduzir as diferentes perspectivas, decifrar as regras daquela cultura particular. Bollas acredita que cada um de nós é um artista com sua própria sensibilidade criativa, desde que haja um ambiente que propicie essa liberdade de escolha. Compartilhamos muitos conteúdos com os outros, temos muito em comum, mas o fazemos de forma única. (Entrevista a Molino, A (1997))

Essa ideia de observar como uma pessoa se organiza, quais são suas escolhas ao longo da vida, procurar dar um sentido, entender a lógica dessas escolhas, dar atenção aos objetos que essa pessoa pinça no mundo e os torna parte de si, é uma ideia extremamente útil na clínica. No meu entender, Bollas inverte um olhar mais tradicional ou clássico, em que o analista foca nas defesas e na fuga da realidade. Ao contrário, ele olha para o que o paciente está à procura, o que é como ele se organiza nessa busca. O analista se coloca também como objeto a ser usado pelo paciente, permitindo que ele crie o seu analista. Com cada paciente, diferentes aspectos do analista podem se destacar e de diferentes maneiras, segundo uma necessidade pessoal. O uso do analista envolve o que Winnicott chamou de uso do objeto numa experiência completa. Destruir o analista que sobrevive. A sobrevivência do objeto propicia a criação da externalidade do mundo.

Mirian Malzyner

O mundo se torna real e a pessoa também.(Winnicott, 1975).

Trata-se de um grande crédito ao trabalho do Inconsciente, às forças criativas que movem os indivíduos e daquilo que ele chama de “Forças do Destino” (Bollas, 1992). Bollas resgata e enfatiza a importância da associação livre e da atenção flutuante. A capacidade de associar livremente é a dimensão criativa mais importante do processo psicanalítico. É a presença do verdadeiro self na sessão. A força do destino é semelhante ao princípio do prazer acrescentado de uma dimensão estética, que é parte crucial da seleção e do uso do objeto.

Por exemplo, por que uma pessoa escolhe Engenharia e a outra escolhe Zoologia? Como essas escolhas se articulam com a história de cada um e de que maneira essas escolhas propiciam realizações de aspectos do self?

Bollas diz que podemos saber muito de uma pessoa observando numa livraria como ela se movimenta, para onde o olhar dela se dirige, que livros ela pega ou mais ainda, que livros ela escolhe abrir e ler a orelha.

Essas ideias propiciaram uma grande abertura na minha escuta e no meu olhar clínico. Elas demandam tempo de observação cuidadosa, atenta e silenciosa. Bollas chama atenção para como uma urgência interpretativa do “aqui e agora comigo”, pode interceptar o processo da livre associação, restringindo a análise à análise da relação transferencial direta. Sem tirar a utilidade dessa abordagem, o olhar que descrevi acima oferece uma abertura tipo grande angular, com maior liberdade de movimentação e surgimento de articulações vitais para a expressão e constituição do self verdadeiro. Criar espaços de abertura, no meu entender, é o que movimenta a criatividade e o surgimento do inédito.

A forma que Bollas aborda o objeto é uma forma que também amplia o alcance da transferência, o fenômeno essencial para que se dê o trabalho de análise que é, ou deveria ser, um processo de transformação.

Quando trazemos para o trabalho os objetos que o paciente escolhe fora do consultório e fora do tempo da sessão, incluímos sentidos e significados no campo transferencial. Por exemplo. Num momento do processo o paciente busca fazer natação. Estar sustentado pelo ambiente aquático com as experiências que esse meio proporciona pode ser uma extensão da sustentação vivida com o analista.

É a pulsão das forças de destino que buscam expressão do self verdadeiro através dos objetos. A evolução do self verdadeiro é facilitada pelo ambiente proporcionado pelo analista.

O encontro com esses objetos facilita o acesso ao que ele chama de “Conhecido ainda não pensado” (Bollas, 2015), Trata-se das experiências vividas e que são pré-verbais e anteriores a existência de um eu que possa pensar as vivências. É uma disposição do self verdadeiro para experimentar os objetos. Quando há uma boa apresentação dos objetos na medida e na cronologia adequada às necessidades do bebê, pode haver uso do objeto e expressão do idioma pessoal.

Bollas (2015) através do conceito de “Objeto transformacional”, acrescenta de forma ainda mais precisa e aguda a noção de “processo”, presente desde sempre na vida. Na experiência mágica de ser atendido pela mãe no tempo e na medida necessários à característica própria daquele bebê, fica o registro de um processo que transforma. A mãe é vivida como transformação e que permanece enquanto um “anseio primordial”. As experiências estéticas são o reencontro com essas marcas mnêmicas que ocorrem como abertura para transformações significativas. Buscamos ser transformados pelo encontro com o Outro, que pode ocorrer na forma de obra de arte, Natureza, experiência religiosa ou espiritual, ou ainda, no que mais nos interessa, no encontro da dupla em análise. Experiências transformadoras não são necessariamente gratificantes, “mesmo assim profundamente comoventes por causa da memória existencial que tocou”. (Bollas, 2015. pág. 64)

Mirian Malzyner

O objeto transformacional, assim como o objeto transicional são conceitos que ampliam muito o vértice estético do campo analítico. Bollas indica que a descoberta do objeto transicional é posterior a essas primeiras experiências de transformação, que são totalmente passivas. A escolha do objeto transicional já implica num início de personalidade, uma escolha estética, uma primeira metáfora, que aponta um estilo de ser ou idioma pessoal (Bollas, 1992). Por exemplo o objeto pode ser duro ou mole, áspero ou macio. Envolve uma riqueza de texturas que remetem às experiências vividas, conhecidas e não pensadas, uma base sensorial com uma marca Estética.

O objeto transicional ajuda e conforta, amenizando as dores inevitáveis da travessia de tornar-se um indivíduo separado. As experiências transformadoras renovam esperança ao mesmo tempo que lançam o eu na inquietude, na instabilidade e no desconhecido. É a precariedade do ser. “A busca pelo objeto transformacional é uma busca de memória infinita, por algo do futuro que reside no passado.” (Bollas, 2015 pág. 75)

Ao longo da vida, escolhemos objetos e cada um deles provê um tipo de experiência, as nossas escolhas podem ser úteis para articular nosso idioma, lembrar experiências precoces ou também impedir verdadeira articulação do self, indicando patologias advindas das primeiras relações. Não sabemos porque escolhemos os objetos, mas certamente, uma razão é o potencial de prover experiências de texturas do self.

Então, além do aspecto de projeção de conteúdos internos nos objetos, visão clássica da relação objetal, Bollas vai aprofundar o uso dos objetos a partir do caráter dos mesmos, da sua integridade e suas qualidades em evocar experiências; os “objetos evocativos”. A escolha dos objetos é uma forma de pensamento. A qualidade evocativa implica acionar redes de memórias que se articulam no inconsciente.

Seja procurando ativamente os objetos, ou se deixando surpreender pelo encontro com eles, trata-se de uma forma de pensamento, com grande intensidade de comprometimento existencial e diferente do pensamento cognitivo, regido pelos processos secundários.

Estamos considerando uma forma de pensamento não racional portanto, próxima à qualidade dos processos oníricos regidos pelos processos primários. Uma atividade que está presente sempre, ainda que não consciente. É a dimensão Estética da experiência que se dá no campo da Ilusão, que remete às primeiras relações mãe bebê, ao nascimento de um eu separado. São processos que se renovam o tempo todo, permitindo aquisições e fortalecimento do Eu.

Ao deslocar o campo primordial de atenção do analista para esse lugar do “entre”, do que não é dentro e não é fora, o lugar do paradoxo, abrimos um espaço sempre em transição, em processo. Processos humanos que ocorrem ao longo do tempo. Não são estruturas fixas.

Enquanto preparava esse texto, fui surpreendida pelo encontro com um objeto literário, que veio ao encontro de uma necessidade de encontrar uma ilustração para esses processos descritos por Bollas. Acredito que a ilustração – seja visual, poética ou clínica – é a melhor forma de se apropriar dos conceitos.

Trata-se de um conto de Virginia Woolf, escrito no pós primeira guerra mundial, chamado “Objetos Sólidos”. Importante situar na época pós-guerra, porque é um momento de muitas desilusões com as regras de civilidade vigentes. Para mostrar o conto para vocês, vou precisar “destruí-lo” e espero que seja criativamente. Porque não seria possível ler o conto na íntegra. Então vou relatá-lo à minha maneira e trazer algumas citações textuais.

Virgínia Woolf nasceu em 1882 e morreu em 1941. Bollas, como já dito, nasceu em 1943.

Mirian Malzyner

Pela sua paixão pela literatura, certamente deve ter navegado pela obra da Virgínia Woolf, e a escrita do fluxo de consciência, que é uma escrita não linear e familiar ao método da associação livre. É curioso que frequentemente a autora coleta na realidade objetos inanimados que captam a sua atenção e parte deles para uma ampliação reflexiva sobre a vida interior, a vida psíquica.

É uma escrita fragmentada, com pedaços de consciência dispersos, o que torna a leitura por vezes difícil, demandando continência para o “não saber”, o “não entender”.

O entendimento passa a ser de outra natureza que não é a compreensão intelectual. Acho útil também lembrar que a escrita de Virgínia Woolf sempre tem uma crítica ácida e bastante precisa de uma sociedade machista, em que a mulher não era livre para se expressar, nem considerada como importante.

Crítica que se estendia aos valores rígidos e costumes estereotipados que caracterizavam principalmente preconceitos de classes sociais.

Vamos ao conto. Inicia com a descrição do narrador/a que observa ao longe dois caminhantes na praia, dois jovens elegantes e que ao se aproximarem é possível escutar algum fragmento de conversa, parecendo uma discussão acalorada.

Em determinado instante, um deles diz: “Que se dane a política!”

Eles se detém perto de um barco atracado na praia e como que para baixar o tom mais exaltado da conversa, um deles, nomeado como Charles, joga pedrinhas na água e o outro, John, começa a mexer na areia.

Aqui, faço uma citação textual:

“... quanto mais ele enfiava a mão, que ao chegar além do pulso forçou a puxar a manga um pouco mais para cima, mais seus olhos perdiam em intensidade, ou melhor, o substrato de pensamento e experiência que dá profundidade inescrutável aos olhos das pessoas adultas desaparecia, para deixar apenas a clara superfície transparente, nada expressando além do espanto que os olhos das crianças demonstram. Sem dúvida o ato de cavar na areia tinha alguma coisa a ver com isso. Lembrava-se ele como, depois de cavar um pouco, a água escorre pelas pontas dos dedos; o buraco então se torna um fosso; um poço; uma nascente; um canal secreto para o mar. Enquanto ele decidia qual dessas coisas fazer, seus dedos, ainda se movendo na água, enroscaram-se em torno de algo duro – toda uma gota de matéria sólida – para desentocar pouco a pouco, trazendo a superfície, um grande irregular fragmento. Ao ser lavada a areia que o cobria surgiu um verde desmaiado. Era um caco de vidro...”

Segue-se uma descrição do caco de vidro e de onde poderia ter se originado – garrafa, copo, pedra preciosa... E John entra em um estado de encantamento: “causava-lhe prazer”. O amigo retoma a conversa e John, disfarçadamente enfia o objeto no bolso.

Ele leva a pedra para casa e a coloca em cima da lareira como um peso de papel. A narradora então nos informa que ele tem muitos papéis, por causa de sua profissão. John é político e está em pleno processo eleitoral, concorrendo a algum cargo no Parlamento.

Acompanhamos um processo de transformação. John se via atraído, nas vitrines das lojas de raridades, por qualquer coisa que o lembrasse o caco de vidro. Qualquer coisa mais ou menos redonda, de mármore, porcelana, vidro, âmbar.... Também andava com os olhos no chão a procura de objetos de nenhuma utilidade para ninguém, descartados.

Mirian Malzyner

Em poucos meses colecionou mais quatro ou cinco espécimes que foram para sua lareira, ainda com a função de pesos de papéis.

Um dia, algum objeto de forma especial chama sua atenção numa floreira cercada e por mais que tentasse não consegue alcançar o objeto. Ele vai para casa e fábrica um instrumento, uma argola e uma vara para pescar o objeto. Toda essa aventura faz com que perca um compromisso.

John passa a procurar pedaços de porcelana nas nesgas do chão, terrenos de casas demolidas, aumentando sua coleção em variedade, texturas e tamanhos, expostas em cima da lareira. Já não tinham utilidade para segurar papéis, eram simplesmente uma coleção de inutilidades.

Descuida-se totalmente de suas obrigações políticas. A sua lareira ornamentada, pela sua estranheza, afasta seus eleitores e ele perde as eleições.

“E ele não era mais jovem. Sua carreira política tornou-se coisa do passado. As pessoas deixaram de visitá-lo. Ele era muito calado para que valesse a pena convidá-lo para jantar. Nunca falava com ninguém sobre as ambições tão sérias que tinha; a falta de compreensão dos outros transparecia no seu comportamento.”

Charles observa que ele não parece nada abalado com nada disso, levando-o a pensar que a questão era grave demais. Numa visita, desolado com a decadência do amigo pergunta:

“Qual é a verdade, John?” ...

“O que o levou a desistir de tudo assim sem mais nem menos?”

“Eu não desisti”, respondeu John.

“Mas agora você não tem mais chance nenhuma”, disse Charles com aspereza.

“Nisso eu discordo de você”, disse John convictamente.

Charles, olhando-o, sentiu-se profundamente incomodado; foi possuído pelas dúvidas mais extraordinárias; teve uma impressão esquisita de que os dois estavam falando de coisas diferentes.

O conto termina com Charles respondendo, “*da forma mais jovial que pode: Bonitas pedras*”, despedindo-se para sempre do amigo. Na minha leitura, esse conto traz uma belíssima metáfora de como a escolha idiomática dos objetos é uma expressão do verdadeiro self. Acompanhamos John num processo de ser transformado a partir de um encontro com um objeto evocativo que o transporta para o mundo da infância, recuperando um olhar de espanto, típico da criança que ainda pode se encantar com a novidade do mundo. O lugar em que a cena acontece é a orla marítima, lugar de transição, entre a areia e a água. Lugar do “entre”. Lugar dos castelos de areia e dos sonhos. Winnicott no texto “A localização experiência cultural”, coloca como epígrafe um poema de Tagore

“Na praia do mar de mundos sem fim, crianças brincam”.

É nesse lugar de trânsito, que a transformação de John começa a se dar. Aos olhos do mundo civilizado, representado pelo amigo Charles, ele entra num processo de decadência e de loucura. A resposta de John, convicto de que não se trata de uma desistência, faz pensar no contrário. Ele se encontra no mundo das supostas inutilidades. Talvez a imagem funcional composta do político bem-sucedido fosse a expressão de um falso self. Uma submissão às demandas do mundo externo. Cabe lembrar que Virgínia Woolf sofreu na sua vida com as vicissitudes de um funcionamento psíquico peculiar, que lhe causava dor e profundos sentimentos de inadequação social. Suspeita-se de um diagnóstico de esquizofrenia. É possível. Mas também podemos pensar no sofrimento advindo de uma sociedade que não tem recursos para lidar com o diferente, com o Outro enquanto estranho e, que muitas vezes está à frente do seu tempo.

Mirian Malzyner

Uma artista que inova numa linguagem muito própria e singular, partindo de investigação e detalhamento das minúcias envolvidas no sentir e muitas vezes, partindo de percepções focadas em supostas inutilidades. Falo em supostas inutilidades, porque é justamente a partir do que elas evocam, que a autora aprofunda uma crítica social contundente e uma análise profunda do psiquismo e do sentido existencial da vida.

Encontro eco nas palavras do nosso poeta Manoel de Barros:

“Poderoso pra mim não é aquele que descobre ouro.

Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas)

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil. Fiquei emocionado e chorei.”

Assim como o poeta, o psicanalista procura nas sutilezas e brechas da linguagem e da observação minuciosa do estilo de ser do paciente, material precioso para adentrar no conhecimento do seu mundo psíquico. Um processo lento de colheita e de descoberta das articulações entre presente e passado, o que está na biografia pessoal e também do futuro, posto que somos sempre transformação num terno vir a ser. No processo de amadurecimento do indivíduo, o grande desafio seria encontrar uma solução de compromisso entre as demandas do processo civilizatório e o verdadeiro eu, sem que haja uma perda do gesto espontâneo, daquilo que é genuíno em cada um. Bollas, ao aprofundar o conhecimento da relação com o mundo dos objetos, das coisas, acrescenta camadas preciosas na abordagem da experiência humana, enquanto experiência primordialmente Estética. Olhar para o poder evocativo e a possibilidade de transformações vitais das experiências cotidianas, e principalmente, no cotidiano da relação que se dá no trabalho da dupla em análise, traz novos e bem-vindos ares de renovação para nossa prática.

Referências

Bollas, C. (1992) - Forças do Destino. Psicanálise e Idioma Humano. Ed imago, RJ

Bollas, C. (2015) - A Sombra do Objeto, Psicanálise do conhecido não pensado Ed. Escuta São Paulo

Molino, A (1997) *Freely Associated – Encounters in Psychoanalysis* Free Association Books,
London NY

Winnicott, D. W. (1975) A localização da Experiência Cultural, in *O Brincar e a realidade* Ed.
Imago, RJ

Winnicott, D. W. (1975) O Uso do Objeto e Relacionamento Através de Identificações, in *O
Brincar e a realidade* Ed. Imago, RJ

Woolf, V. (2023) - Objetos Sólidos em Contos Completos. (Págs.. 115-122) Org. Susan Dick. Ed. 34
São Paulo.